



XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

DISTINÇÃO SIMBÓLICA E PERTENCIMENTO PERFORMADO: frevo, carnaval e os signos da seleção social¹

Lívia Valença da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Ana Paula Campos Lima – Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

Este trabalho analisa como o frevo e os blocos de rua operam uma distinção simbólica por meio de signos culturais performados nas redes sociais. A partir de registros do Bloco Eu Acho É Pouco, discute-se como os capitais cultural, social e econômico atuam como senhas simbólicas de pertencimento. A pesquisa articula os conceitos de Bourdieu, Bauman e Goffman para refletir sobre como a estética, a curadoria de imagem e os rituais de acesso operam seleções implícitas no carnaval contemporâneo, condicionando a cidadania cultural à posse de determinados recursos simbólicos e materiais.

PALAVRAS-CHAVE: carnaval; distinção simbólica; frevo; pertencimento; capital cultural.

1 INTRODUÇÃO

Mais do que expressão cultural, o carnaval opera como espaço de marcação simbólica. A relação entre pertencimento, visibilidade e seleção social não se limita à experiência presencial: ela se estende ao digital, em que registros visuais, estética pessoal e performance são convertidos em signos de distinção. Neste trabalho, investigamos como a experiência carnavalesca, especificamente nos blocos de rua do frevo, articula mecanismos simbólicos de seleção e pertencimento. A partir da análise de registros do Bloco Eu Acho É Pouco, buscamos identificar os capitais acionados na construção de uma imagem de pertencimento, analisar os signos de distinção presentes nas performances digitais e refletir sobre a relação entre visibilidade, exclusão e capital social no contexto do carnaval contemporâneo. A partir dos olhares de Bourdieu (2011), Bauman (2008) e Goffman (2002), o que se busca aqui é entender o carnaval como muito mais do que festa: ele é também palco de performances, disputas simbólicas e modos de pertencimento. O que parece espontâneo carrega, muitas vezes, filtros invisíveis — distinções que não se anunciam, mas operam. Essa comunicação performática revela formas de cidadania cultural marcadas por seleções sutis, onde estilo, presença e imagem funcionam como senha simbólica de acesso.

¹ Trabalho apresentado no GT2 – Culturas Populares, Identidades e Cidadania para a Cidadania da **XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025**, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

2 METODOLOGIA

O trabalho é qualitativo e segue uma linha exploratória, tentando interpretar o que está por trás das imagens que circulam nas redes sociais do Eu Acho É Pouco entre 2023 e 2025. Foram analisadas postagens, fotos e comentários no Instagram, com foco nos conteúdos que mais revelavam sinais de pertencimento, escolha estética e formas sutis de distinção.

A análise foi feita a partir da técnica de conteúdo, guiada por autores como Bourdieu (2011), com os conceitos de capital e distinção; Goffman (2002), com sua ideia de performance; e Bauman (2008), que nos ajuda a pensar como identidade e consumo caminham juntos nesse jogo simbólico.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Bourdieu (2011), os capitais cultural, social e econômico funcionam como chaves de acesso simbólico a espaços de distinção. No carnaval, essas chaves se manifestam em forma de conhecimento prévio, rede de contatos, recursos financeiros, estética corporal, linguagem, figurino e comportamentos esperados. O capital econômico é, muitas vezes, o que viabiliza os demais: bancar ingressos, figurinos, maquiagens e o tempo dedicado à curadoria da imagem. O capital cultural não é apenas saber dançar frevo, mas saber onde estar, como se portar, o que vestir e como performar essa identidade. Já o capital social define quem convida, quem informa o percurso do Bloco, quem garante o acesso ao Baile. Goffman (2002) contribui com a compreensão da cena social como um palco, em que os sujeitos encenam papéis para um público, de forma deliberada ou não. Bauman (2008), por sua vez, ajuda a compreender como o consumo simbólico e a fluidez das identidades contemporâneas moldam os rituais de pertencimento, como no caso dos registros digitais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos registros visuais do Bloco Eu Acho É Pouco revela uma clara estetização da experiência carnavalesca, marcada por filtros, figurinos sofisticados e elementos visuais que compõem uma narrativa de pertencimento simbólico. A seleção dos trajés, o conhecimento do percurso do Bloco, o acesso ao Baile Vermelho e Amarelo e a circulação dos registros no Instagram funcionam como senhas culturais de acesso a uma identidade socialmente valorizada.

Comentários nas postagens do Baile denunciam tensões implícitas, como a ausência de diversidade racial e a seleção social disfarçada de espontaneidade. Um usuário chegou a comentar: "ache um negro". Embora divulgado, o Baile tem ingressos com preços elevados e que se esgotam muito rapidamente, o que exige disponibilidade financeira e atenção em redes específicas para garantir o acesso. Saber a hora da compra, o local de retirada e o trajeto do Bloco nas ruas de Olinda (PE) — que não é divulgado previamente — depende de uma combinação de capitais, sobretudo econômico e social. O próprio cordão de isolamento do Bloco, embora simbolicamente demarcado,

não impede o acesso físico; o verdadeiro filtro é simbólico: quem não performa os códigos estéticos e sociais do grupo dificilmente se sente incluído.

No ambiente digital, a curadoria visual dos *posts* reforça a seleção: fotos profissionais, enquadramentos simétricos, corpos jovens e brancos. Há uma construção estética que traduz, por imagem, o pertencimento ao Bloco. A distinção simbólica não se expressa apenas no corpo presente, mas no corpo postado. A performatividade é constante, reiterando o *ethos* do pertencimento.

Além da dimensão estética, há também uma camada política performada, herdada do próprio histórico do Bloco, cujas cores e enunciados evocam resistência e engajamento. Em muitos casos, a presença no cortejo ou no Baile carrega um *ethos* de posicionamento político-cultural — mas que, ao se tornar também um signo de distinção, pode ser esvaziado de seu conteúdo contestatório.

O carnaval, nesse contexto, revela-se como palco de negociação de identidades e exclusões. O que era festa popular se torna circuito de distinção, em que o simbólico precede o festivo. A cidadania cultural, aqui, é parcial, condicionada à posse de determinados capitais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da observação dos registros visuais e da leitura das performances sociais que compõem a experiência carnavalesca contemporânea, foi possível evidenciar que o frevo e os blocos de rua seguem operando uma distinção simbólica, ainda que sob nova roupagem. O pertencimento ao Bloco Eu Acho É Pouco é construído tanto pela presença física quanto pela performatividade digital, e depende da articulação de capitais culturais, sociais e econômicos.

A pesquisa sugere que, mesmo em espaços historicamente ligados à cultura popular, há uma seleção implícita que redefine quem tem direito à festa. Nesse sentido, a análise dos signos simbólicos do carnaval permite refletir sobre os limites da cidadania cultural em contextos atravessados pela lógica da distinção.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2011.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.